



SANTOS, Francisca Pereira dos. Memórias prósperas do cordel: decolonizar o verso épico e a história do cangaço. In: **Revista Épicas**. Ano 6, N. 12, Dez 22, p. 57-79. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2022v12.5779>

MEMÓRIAS PRÓSPERAS DO CORDEL: DECOLONIZAR O VERSO ÉPICO E A HISTÓRIA DO CANGAÇO

PROSPEROUS MEMORIES OF CORDEL: TO DECOLONIZE THE EPIC VERSE AND THE HISTORY OF CANGAÇO

Francisca Pereira dos Santos¹
Universidade Federal do Cariri

RESUMO: As interpretações e teorizações do folheto de cordel e da sua *ars poetica* têm sido feitas até agora com base no conceito de *literatura popular* e nos pressupostos subjacentes a esse termo teórico, dos quais, hoje em dia, o pensamento decolonial denuncia os fundamentos falsos e preconceituosos. Nesse sentido, propõe-se neste artigo uma releitura – dentro de uma perspectiva decolonial – do movimento do cangaço e de suas representações literárias no folheto de cordel. Os pontos de partida e de perspectiva serão aqueles que foram até agora pouco valorizados ou desprezados como fontes pela historiografia convencional do folheto, a saber: a oralidade, o testemunho, as mulheres e o papel da hipérbole dicotômica como estratégia discursiva da narrativa épica das sociedades patriarcais primitivas, como foi a da era colonial e pós-colonial no Nordeste. O folheto, intitulado *O encontro do meu pai com Lampião*, evoca as histórias que um pai de família, testemunha ocular e auricular da época de Lampião, contava para a sua filha que publicou esse folheto no limiar do novo milênio. Hoje, professora-pesquisadora universitária e poeta de cordel, ela propõe o seu folheto como ponto de partida para um questionamento decolonial do discurso convencional sobre o folheto de cordel e a sua representação e historiografia da figura de Lampião e do cangaço.

Palavras-chave: Épico; folheto de cordel; cangaceiro; mulher; historiografia

ABSTRACT: The interpretations and theorisations of the cordel booklet and its *ars poetica* have so far been based on the concept of popular literature and on the assumptions underlying this theoretical term, of which, nowadays, decolonial thought denounces the false and prejudiced foundations. In this sense, this article proposes a re-reading – within a decolonial perspective – of the cangaço movement and its literary representations in the cordel booklet. The starting points and perspective will be those that until now have been undervalued or neglected as sources by the conventional historiography of the booklet, namely: orality, testimony, women, and the role of dichotomous hyperbole as a discursive strategy of the

¹ Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba (2009). Professora Titular na Universidade Federal do Cariri. E-mail: francisca.fanka@ufca.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3564-7288>

epic narrative of society's primitive patriarchal structures, as was the case of the colonial and post-colonial era in the Northeast. The booklet, entitled 'My father's encounter with Lampião', evokes the stories that a family man, an eyewitness and ear witness of Lampião's time, told his daughter who published this booklet on the threshold of the new millennium. Today, a university professor-researcher and cordel poet, she proposes her booklet as a starting point for a decolonial questioning of the conventional discourse on the cordel booklet and its representation and historiography of the figure of Lampião and the cangaço.

Keywords: Epic; cordel booklet; cangaceiro; woman; historiography

Introdução

É no contexto dos meus afetos, atuando nas últimas três décadas como ativista social e gestora cultural no território onde nasci e habito – a região do Cariri cearense –, que venho interagindo e vivenciando como pesquisadora, o campo da cultura pelo viés da cantoria-repente e do folheto de cordel², ambos enquadrados nos estudos literários como “popular”. Nesse universo, ganhou destaque em minhas pesquisas a produção de autoria feminina, apresentando mulheres poetisas, xilogravoras, cantadoras repentistas, vendedoras, editoras e pensadoras da cultura nordestina, em um ambiente discursivo onde, até então, elas não eram apresentadas como autoras. Para trazer essas vozes, foi necessário um conjunto de pressupostos epistemológicos e teorias pós-humanistas, decoloniais e nativas, que me permitiram realizar um interessante círculo de diálogos – sobretudo por meio dos estudos de gênero e oralidade –, com o objetivo de questionar a historiografia convencional que, além de androcêntrica, apresenta(va) as poéticas da oralidade como práticas de “analfabetos”, e os seus versos como “primitivos” e “rudes”. Essa velha historiografia nasce no século XVIII (BURKE, 1989) com o movimento dos românticos e folcloristas, promovendo uma visão dicotômica de uma cultura letrada e outra não letrada, sendo uma “erudita” e “superior”, e a outra “popular” e “inferior”. Esta narrativa oficial e acadêmica, prevalece, ainda no século XXI, como a visão dominante, apesar dos mais variados questionamentos pós-modernos da segunda parte do século XX.

No caso do folheto de cordel, iniciamos na primeira metade do século XXI, uma nova cartografia do folheto – inacabada e ainda em processo –, que trouxe à baila a presença de vozes e atores que foram excluídos da historiografia convencional, como as mulheres, brancas, negras³ e indígenas, mas não só. Ela se constrói a partir de novos questionamentos, com outras percepções de pesquisa e interrogando, a cada passo, os conceitos limitantes e inferiorizantes relacionados às práticas que foram homogeneizadas por uma “colonialidade” do poder e do saber (QUIJANO, 2005). Como disse Stuart Hall em nota sobre o popular: “não podemos simplesmente juntar em uma única categoria todas as coisas que o ‘povo’ faz” (2003, p. 256),

² O folheto, como sistema editorial de grande aceitação regional, faz parte das práticas poéticas e *ars poetica* da memória e das vozes da oralidade nordestina.

³ Mesmo que grandes poetas-editores fossem negros, como José Bernardo da Silva e muitos violeiros famosos, como Inácio da Caatingueira e outros, fala-se nos estudos pouco dessa presença afrodescendente, como a famosa cantadora-repentista Chica Barrosa (1867-1916).

simplesmente porque línguas, costumes, etnias, territórios, raça, gênero, classe... são diversos. Contudo, foi esse o conceito de “popular” que foi colocado em cena nos estudos oficiais a partir do século XIX, dentro do processo político dos emergentes Estados-Nações⁴. Ao mesmo tempo que este movimento propaga(va) uma reabilitação da sua *ars poetica* e dos seus poetas, trouxe também novos preconceitos, marginalizando seus lugares de produção, sua cultura e suas realizações artísticas, promovendo estereótipos⁵ e formas de xenofobia, a exemplo da discriminação política, social e cultural que sofreu e continua sofrendo o nordestino⁶.

Pode-se dizer que o termo “popular”, importado da Europa, ao enquadrar as poéticas da oralidade, como o folheto, nessa “caixinha” – que funciona como uma arapuca –, trouxe pelo menos dois problemas e desvantagens ao campo das epistemologias nativas. De um lado, ele encaixou em uma única palavra a imensa variedade de manifestações artísticas *diferentes* de povos e culturas e, do outro, contribuiu para o fomento dos preconceitos de lugar, como podemos ver no caso do Nordeste.

Interrogar os discursos políticos e científicos que marginalizam e excluem pessoas e lugares é uma tarefa fundamental para desmontar falsas ideias e re-inventar – para usar o termo de Durval Muniz (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011) –, as culturas que foram e continuam marginalizadas. Buscar o entendimento – prático, teórico e epistemológico –, das suas diferenças reais e não das identidades e representações pelas quais foram forjadas e estereotipadas, é a missão do pensamento decolonial, que nos permite ver, por outras lentes, os que ficaram de fora da historiografia nacional: esse “Brasil do caboclo, de mãe preta e pai João”, como cantam os poetas repentistas Moacir Laurentino e Sebastião Silva.

Parte das análises e das conclusões que emergem da crítica feminista do cordel e da cantoria, aponta que tanto o folheto enquanto projeto editorial independente, criado pelos poetas e cantadores nordestinos, bem como outras manifestações artísticas e culturais denominadas de “popular”, foram alvos de apropriações pelos letrados e intelectuais que construíram identidades falsas e negativas. Esse tipo de engodo, contudo, não se restringiu somente àquilo que foi denominado de arte “popular”, ele atravessou todos os movimentos sociais nordestinos existentes, classificados como de fanáticos, terroristas, violentos e

⁴ Ver LEMAIRE (2010 e 2022).

⁵ Cf. A definição dada pelo historiador Durval Moniz de Albuquerque Junior (2011), a *estereotipia* é um discurso “assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.30)

⁶ As eleições presidenciais de 2022 trouxeram de novo ao palco nacional esses preconceitos, por exemplo, quando o atual gestor – que foi candidato a reeleição –, acusou o seu oponente, Lula da Silva (PT), de ter saído vitorioso no primeiro turno do pleito graças ao analfabetismo do povo do Nordeste.

criminosos, a exemplo de Canudos, Caldeirão do beato José Lourenço e o cangaço dos bandos de cangaceiros, desde Antonio Silvino a Virgulino Ferreira, o Lampião.

Nesse sentido, ao pretender decolonizar imagens do território nordestino e melhor entender esse caleidoscópio de culturas plurais, abro aqui esse diálogo com minha cultura a partir da análise do folheto *O encontro do meu pai com Lampião*, de minha autoria, para mostrar um outro olhar – um olhar “de dentro” – sobre o cangaço, diferente daquele que apresenta os bandos como de bandidos violentos e sanguinários facínoras. Há uma outra visão bandoleira sobre o cangaço presente no imaginário sertanejo. Foi o meu pai – nordestino e testemunha ocular e auricular do cangaço – que me trouxe essa outra visão por meio das histórias que me contava e que versei em folheto.

Antes de tudo, porém, é preciso apresentar algumas observações sobre o tema proposto para o presente dossiê “Cordel, cangaço e reconfigurações do épico”. O conceito de *épico* (REY, 2016) entra nas línguas românicas em finais do século XVI. Foi derivado do latim *epicus* e do grego tardio *epicos*, que quer dizer: aquilo que diz respeito a ou é característico da *epopeia*. Na definição de *epopeia* temos: longo poema narrativo em verso que celebra um herói ou um grande evento histórico, misturando história e lenda. Nas tradições orais existe uma distinção básica entre dois grandes gêneros literários: de um lado é o gênero épico-narrativo, a saber: longos poemas que cantam e contam em verso guerras, conquistas, duelos, cujos protagonistas são guerreiros-heróis, geralmente membros da elite de uma casta poderosa; trata-se de um gênero predominantemente masculino. O gênero se caracteriza por um estilo grandiloquente que enaltece, amplifica e exagera, com muitos detalhes, os atos heroicos, a valentia, a superioridade dos vencedores e a maldade infinita e inferioridade dos inimigos – perdedores. Ao mesmo tempo, o canto épico geralmente oculta ou diminui os fracassos e as crueldades dos vencedores; trata-se de um mundo violento, radicalmente dicotômico e hierarquizado.

Do outro lado, existe o gênero lírico-narrativo: cantos que cantam e contam em verso aventuras amorosas, “casos e causos” da vida humana, contos, ensinamentos e novidades. O seu estilo é muito mais sóbrio e sucinto. Esse gênero era preponderantemente feminino com o *romance* e a *balada*, mas não só. Grande parte do *corpus* do folheto de cordel, desde os seus começos até agora, cabe dentro da categoria lírico-narrativa.

Agora, o que tem a ver esse conceito de *épico*, com o tema do cangaço? O contexto sociopolítico colonial e pós-colonial em que nasce a figura de Lampião; esse contexto, em si, já é o de uma guerra de conquista e de vingança, primeiro entre os próprios detentores do poder, os coronéis. Lembremos só o motivo da entrada no cangaço de outro cangaceiro famoso, Antonio Silvino (1875-1944), que foi a vingança, motivada pelo assassinio do pai que ocorreu dentro da longa guerra entre duas famílias de fazendeiros; crime que ficou injustiçado.

E em seguida, era a guerra permanente contra as populações, vítimas de roubo das suas terras, de extorsões, humilhações e maus tratos. Esse sistema político se baseava numa violência intrínseca, praticada por uma casta de homens brancos, primitivamente patriarcais e detentores de um poder ilimitado, legitimado e protegido pela justiça do Estado. É só ver os motivos pelos quais Lampião entrou também no cangaço, a saber: a perseguição violenta por um coronel que obrigou os pais – pequenos agricultores – de Lampião, a fugirem de Serra Talhada (PE) para Alagoas, e a morte, no mesmo ano, do pai, matado pela polícia do lugar.

Qualquer forma de resistência, rebeldia dos oprimidos e vingança, como no caso de Silvino e Lampião, só podia ser interpretada, por esses detentores de um poder inquestionável, como uma ameaça e declaração de guerra. Os rebeldes, portanto, eram considerados criminosos e perigosos para a ordem estabelecida, o que servia como legitimação da sua perseguição e extermínio. A resposta foi o “exército” de “volantes”, treinados dentro da ética guerreira primitiva, patriarcal, para matá-los, sem processo nem consideração.

A legitimação ideológica que ia justificar essa guerra – isto é, a guerra entre coronéis-fazendeiros de um lado e povos colonizados, mas rebeldes, como os cangaceiros, de outro lado –, era “naturalmente” a da poesia épica. São os pressupostos dessa narrativa épica com as suas estratégias discursivas básicas: a dicotomia da luta do Bem contra o Inimigo dele, o Mal e a conseguinte diabolização do inimigo, que garante essa ideologia. Quer dizer: o enaltecimento e a glorificação do defensor do Bem de um lado e, de outro lado: a amplificação desmedida da maldade do adversário pela enumeração contínua do uso de hipérboles negativas dos seus atos guerreiros cometidos por vingança. Na verdade, esses atos e crimes: matar, estuprar, roubar... eram, inicialmente, e continuavam sendo praticados por eles próprios – defensores do “Bem” –, sob a proteção da justiça do Estado.

Uma parte considerável dos folhetos de cordel sobre Lampião são textos cujos autores se integram nessa longa tradição épica da hiperbolização dos protagonistas em duas categorias dicotômicas. Eles opõem os defensores do Bem aos inimigos que se tornam os símbolos do Mal, ao imporem, pela estratégia discursiva da inversão e distorção da verdade que oculta o verdadeiro Mal e seus crimes, que é o dos opressores usurpadores e “sanguinários”, projetando ideologicamente esse Mal nas suas vítimas, os oprimidos.

Dito isto, digo meu objetivo: mostrar, por meio do folheto-depoimento do meu pai, um modo de existência e uma visão do mundo nordestino, baseada no pertencimento e na vivência do sertanejo dentro de um corpo-território diferente; então, tentar elaborar – sem a pretensão de ser detentora da verdade única –, uma visão que talvez permita, nos anos seguintes, sair da dicotomia “épica” estereotipada convencional. Pretendo mostrar o que foi obliterado pelo discurso historiográfico, me situando na fronteira desses lugares, de um lado, o mundo em que

Lampião se tornou “o rei do cangaço” e Maria Bonita a mais bonita das mulheres e, de outro lado, a imagem da vitória final, em 1939, da casta dos guerreiros-heróis da elite açucareira branca, masculina e descendente dos colonizadores europeus. Quero evocar a maneira como eles exterminaram – se vingaram – ao colocarem, em uma bandeja exposta a todos, as cabeças dos cangaceiros mestiços traiçoeiramente matados: negros e indígenas, esses bandos de homens independentes que minavam a ordem estabelecida. Era preciso esse massacre público; afinal de contas, os mestiços são corjas de criminosos, conforme ensinou a pensar e a dizer, as bases teóricas do pensamento social sobre o Brasil, desde seus principais pensadores-sociólogos, como Nina Rodrigues e Silvio Romero, só para mencionar alguns destes representantes acadêmicos.

Quero evocar também, o elo dialógico de afetos entre o meu pai – “informante” –, e o contexto que ele presenciou como testemunha ocular e auricular. E o meu lugar de “filha dele”, “narradora da história narrada por ele” e o folheto de cordel – como produto individual (meu) e como veículo de informação e comunicação dos povos do Nordeste. Por esse viés, os cangaceiros me chegaram com a empatia paterna, como bandos de homens valentes, resistentes, com valores e códigos de coragem, força e justiça. Trata-se de um pensamento-ação que está presente naqueles e entre aqueles que sabem o quão o sistema colonial e pós-colonial permanece e continua! Nessa jornada, nasce a consciência de que a historiografia oficial esconde os principais assassinos estupradores de mulheres índias, negras-escravas e brancas: os europeus, primeiro, depois os coronéis e as elites dos fazendeiros, essas grandes famílias cujos patriarcas, até hoje em dia, de vez em quando, no Nordeste, são chamados de “sanguinários”. Estes podiam exercer toda e qualquer violência, pois possuíam o direito moral de matar que lhes foi conferido pelo Estado-Nação.

Os bandoleiros do sertão viviam entre dois mundos. De um lado, o dos avós pais, filhos, irmãos, tios e tias, primos...; dos trabalhadores do campo, camponeses, agricultores, pequenos proprietários de terra – como foi Patativa do Assaré –; o dos vaqueiros e caçadores; o dos cantadores e poetas, e o dos pequenos comerciantes e artesãos. Ao entrarem no cangaço, como fez Lampião, eles acabaram entrando em guerra contra a casta poderosa que dominava o Nordeste e que constituía um perigo permanente para essas famílias modestas. Para se inserirem nesse mundo, os cangaceiros tiveram que utilizar, reinventar as armas e estratégias violentas dessa mesma casta dominante, que eram atacar, mutilar, roubar, matar, estuprar...

Assim é que nasceu, no Nordeste, um novo triângulo “heroico” (CAVIGNAC, 2006), composto de três atores, a saber: o fazendeiro-coronel, o vaqueiro como representante do mundo dos oprimidos, e o cangaceiro. E, paralelamente, duas vertentes e visões épicas que, dentro dos códigos narrativos do gênero épico, podiam só ser dicotômicas e hiperbolizantes. No

fundo, são dois subgêneros de épico: os folhetos que apresentam Lampião e os cangaceiros como criminosos de um lado e, de outro lado, os que o apresentam como *bandidos sociais* nos termos de Eric Hobsbawm (1969): bandidos cruéis, sim, que roubam dos ricos para dar aos pobres, matam os ricos para vingar crimes que ficaram impunes.

Os poetas-cantadores-folheteiros, como os jornalistas de hoje em dia, exerciam uma função poética jornalística e testemunharam, refletiram, problematizaram, denunciaram e disseminaram as notícias do local da sua cultura, se posicionando e construindo, por meio dos seus versos, a crônica do seu tempo. Uma crônica que foi – e só podia ser – atravessada por muitas opiniões, posicionamentos e contradições sobre as existências desses “cabras” – para usar um termo do meu pai – que, como Antonio Silvino, Silvino Aires, Sinhô Pereira, Adolfo Meia Noite, Jesuino Brilhante, Corisco, Lampião... e mulheres cangaceiras como Dadá, Maria Bonita, Sila, Enedina, Cristina e muitas outras, se posicionaram contra o sistema.

Muitos poetas fizeram do folheto o palco para trazer os cangaceiros como protagonistas, a exemplo de Francisco das Chagas, que foi o primeiro que escreveu sobre cangaço, publicando em 1904, o folheto sobre Antonio Silvino. O narrador é o próprio cangaceiro Silvino que apresenta o cenário:

Eu nasci em Pageú
De Pernambuco Estado;
Tinha doze annos de idade,
Quando meu pae amarrado
Vi por uns seus inimigos
E por eles escoltados.
(...)
Com quize annos de idade
Meus trabalhos começaram,
Sendo a causa uns inimigos
Que o meu pae assassinaram
Prometti a Deus vingar-me
Matando aos que o mataram.
(BATISTA, 1977, p. 36)

O meu verso se situa nesta tradição que começa com Chagas Batista. É um verso-testemunho de um testemunho. Ele conta em setilha: *O encontro do meu pai com Lampião*, ocorrido nos arredores de Santa Cruz, Pernambuco. Foi publicado em 1998 pelo Projeto Cordel Vivo, criado e coordenado pelo poeta Abraão Batista. Ele revela uma visão do cangaço de pessoas que não pertenciam à casta dos coronéis nem dependiam deles, mas que falaram de dentro do corpo-território representado no triângulo nordestino pelos vaqueiros, aqueles que participaram como testemunhas de acontecimentos bandoleiros, ouvindo, vendo e interagindo com o cangaço. Este cangaço do qual falo, não é épico, no sentido tradicional do termo, mas se alinha a um tipo de vaqueiro maldito cuja atuação criou uma história, um saber, um fazer-

produzir-se e traduzir de realidades a serem, com maior tempo, problematizadas, o que não pode ser ainda o caso desse texto, que se pretende inicial trazendo o início de um pensamento decolonial sobre a realidade e o tema “épico” do cangaço no folheto de cordel.

Meu encontro com o cordel e o cangaço

*Da história do cangaço
Muito tem para se saber
Enfeite e bala de aço,
Conhaque para beber.
A mulher participando,
Sugerindo nesse bando
Outro jeito de viver.*

Em Juazeiro do Norte, uma cidade “religiosa” onde o relógio da igreja parece bater mais cedo e mais vezes, eu fazia parte de um grupo de jovens da classe trabalhadora e média baixa que tinha como desejo mudar o tempo de uma história. Havia uma força que se mo-vi-men-tava, simultaneamente e paralelamente às dezenas de beatos e beatas e às centenas de romeiros que ali chegavam para cantarem seus eternos benditos em seus rosários brancos e azuis. Nesse Juazeiro – o antigo Tabuleiro que cresce(u) como bolo fofo –, um outro lado do lado se contorcía na epiderme daquela terra de poros abertos. Era nessa cidade que eu pulsava, acendendo com entusiasmo os fogos de uma liberdade impulsionada pelas barricadas da paixão pela política e poética. Naquele tempo, o movimento estudantil do qual participava, rangia como uma metralhadora cheia de palavras de des-ordem, um motor de vontades desejantes querendo mudar o modo, o mundo e o mudo; a forma de amar e de viver. Eu vinha nesse compasso, atrás do vento elétrico das Diretas já (1984) e da derrubada da Ditadura, para construir, com os “companheiros”, a energia contagiante que resultou na primeira campanha (1989) à presidente da República de Luiz Inácio Lula da Silva. Pouco tempo levaria, contudo, para se produzirem as primeiras “porradas” da polícia, em 1991, quando Fernando Collor de Melo – o novo presidente –, diante de nós – na terra do “Padim Ciço” –, e ao lado de um conhecido religioso homem da igreja, Frei Damião, exclamou: “Eu tenho aquilo roxo”. Risos e chutes! Fotos e colagens! Pernadas e sopapos! Da frase bombástica a um fato histórico: seu *impeachment* (1992), onde eu, novamente – e agora de cara pintada –, na praça do Ferreira, em Fortaleza, ampliava o coro dos descontentes gritando “Fora Collor!!!”. Em Juazeiro do Norte, minha cidade natal, as décadas de 1980 e 1990 foram compostas por dois fortes movimentos paralelos: o artístico e o sócio-político da derrubada da Ditadura e democratização do país, onde destaco as grandes passeatas de mulheres que começaram a ocorrer, desde então, no dia 08 de março. Fiz parte desses dois movimentos. Nesse contexto efervescente, editava como poeta, conjuntamente com Júnio Erre e Hamurabi Batista, duas séries de fanzines – *Ovni* e *Sensurado* (com S) – de

poesia livre, impressos em fotocopiadoras. Até então, quase desconhecia a produção em folheto, muito embora os temas e imaginários desse mundo estivessem sempre arrodando meu contexto desde as lembranças de infância. Essas memórias chegavam particularmente pelas histórias que meu pai me contava sobre Lampião – por volta dos meus 6 a 7 anos de idade –, e, – por volta dos meus 12 anos – com a leitura do famoso folheto *A chegada de Lampião no inferno*, de Zé Pacheco.

Foi graças ao poeta Hamurabi – publicando com o pseudônimo de Francisco Matêu –, que comecei, no ano de 1993, meu contato com o folheto, quando ele lançou *Quando o camaleão mudou de cor contra o povo de Juazeiro*. Para esse caso, fiz meu primeiro artigo sobre cordel, intitulado *A literatura popular na URCA*,⁷ publicado no jornal *O Calderão*⁸, órgão do diretório dos estudantes da URCA, Universidade onde me encontrava cursando Letras.

É importante ressaltar que, naquela altura, a esmagadora maioria dos jovens da minha geração ignorava mais ou menos a tradição poética do folheto, seja porque já não tinha mais a mesma produção e circulação representativa de outrora, seja porque o discurso oficial sobre o folheto e a xilogravura, tal como era divulgado pelos estudos da área, o definia como uma “literatura popular em verso”, definição acompanhada de conotações tais como “analfabeta”, “arcaica”, “pobre” e “menor”. De um lado e desde os anos sessenta, o Estado tinha investido num discurso do folheto enquanto uma cultura arcaica, representativa da alma e identidade nacional; era uma linha de atuação que se divulgava por meio dos centros cívicos escolares e universitários. De outro lado, ele patrocinou – por meio de suas secretarias de cultura –, pesquisas, estudos e publicações que divulgavam uma visão do cordel, baseada na tese de que essa poética antiga “primitiva” teria se acabado ou estaria morrendo, de forma que, para a minha geração, mesmo que essa poética ainda existisse, o folheto não parecia uma arte capaz de veicular os nossos ideais e sonhos de um mundo novo e diferente.

O único jovem a publicar folhetos, naquele início dos anos 90 era, para mim, o meu parceiro-poeta Hamurabi Batista⁹, que se tornou uma das principais referências para uma nova geração de futuros cordelistas. Foi Hamurabi quem me convidou para escrever meu primeiro folheto – *A mulher e o cangaço* – e para o evento da comemoração do centenário de Lampião, organizado no ano de 1997 pelo Memorial Padre Cícero. Em seguida publiquei, ainda dentro

⁷ Pelo título do artigo já se pode perceber a maneira como tínhamos incorporado – sem questionar – as noções convencionais – como *literatura popular* –, propostas pelo discurso canônico da época.

⁸ Foi nesse jornal acadêmico que a poetisa Salete Maria lançou seu primeiro folheto, intitulado *Desabafo matuto acadêmico*.

⁹ Conversando com Hamurabi Batista, perguntei se havia outros poetas de sua geração publicando àquela época; destacou o poeta José Flávio, que o teria influenciado pela cadência de sua poesia. Flávio viria a lançar, em 1998 no projeto SESCordel Novos Talentos, o folheto *cuide bem do meio ambiente para dar qualidade a vida*, com xilogravura de Nilo. Em pesquisas posteriores, descobri outros poetas da época: João Bosco, Zênio, Stênio Diniz, Edgley, Renato Dantas, entre outros.

destas celebrações do centenário, o folheto *O encontro do meu pai com Lampião*, em 1998. Estes dois folhetos – pela temática e as questões ali levantadas sobre os imaginários sertanejo –, foram fundamentais para, no ano 2000, fundarmos a *Sociedade dos Cordelistas Mauditos*¹⁰, com Salete Maria¹¹, Jô Andrade, Hélio Ferraz e outros.

Enquanto Hamurabi Batista foi uma importante ponte entre a geração¹² de grandes poetas que frequentavam a Tipografia São Francisco, de José Bernardo da Silva, eu e Salete Maria da Silva, que em 1997 publicou *Mulher, nem violência, nem opressão*, surgimos, como pontes entre aquele “antigo” mundo marcadamente de homens e o mundo do novo milênio¹³.

No ano 2000, os *mauditos* emergem de forma coletiva, lançando sob o título *Agora são outros 500*¹⁴, 12 folhetos que denunciam o caráter festivo e eufórico das comemorações dos 500 anos de “descoberta”, realizando uma re-leitura decolonial desse momento, apresentando detalhes da invasão violenta e ilegal das terras dos povos indígenas. Não foi sem hostilizações que os *mauditos* fundaram o pensamento decolonial no cordel. Os detentores do discurso oficial, canônico do cordel, não suportaram que falássemos positivamente de mulheres, de cangaceiras, de gays, lésbicas, negros, pobres, que denunciássemos a natureza saqueada e a realidade cruel e violenta do processo da colonização, a mentira da historiografia oficial, o silenciamento das vozes que a denunciavam, nem que trouxéssemos a temática e a visão das mulheres.

Desde esses começos, nós, os poetas “malditos”, não utilizamos o folheto para fazer “literatura” no sentido atual da palavra – ficção, originalidade e estética. Reinventamos sua poética tradicional criada pelos grandes poetas da oralidade de outrora, para fazer versos radicados na realidade da vida vivida, para servir, dentro dela, como instrumento de ação e mudança sociopolítica e cultural. Questionamos os preconceitos e estereótipos dos discursos conservadores machistas, racistas e homofóbicos, que desgraçadamente já foram incorporados por várias gerações de poetas e editores do folheto e, mais ainda, interrogamos a dicotomia dos inícios do século XVIII, dizendo no manifesto: “não somos nem eruditos nem popular, somos linguagens”, numa proposta de sair da camisa de forças da dualidade, procurando linguagens abertas e como um modo de trazer a palavra no seu sentido de ação, e não somente para dizer sobre algo. Foram essas questões amplas da historiografia oficial e do próprio cânone do cordel, trazidas por esse “bando” de poetas rebeldes, que permitiu realizar uma antropofagia dos

¹⁰ Ver Grangeiro (2020).

¹¹ Salete vem de uma família de poetas como sua avó Dona Maria José e seu tio José Alexandre.

¹² José Bernardo da Silva, Manoel Caboclo, Sebastião da Silva e João de Cristo Rei, Abraão Batista e outros.

¹³ Na mesma cidade, Esmeral Batista e Frida Moreira publicavam sobre Lampião, e na cidade vizinha, as poetisas Sebastiana Gomes de Almeida já publicava pela Academia dos Cordelistas do Crato, seguida de Josenir Lacerda.

¹⁴ O jornal *O Povo* publica no Vida e Arte: “nem todos estão assassinando o cordel”, novembro de 2001.

imaginários coloniais do sertão e os discursos negativos e preconceituosos de uma história oficial.

Essa crítica ao próprio cânone do cordel e a presença e voz de mulheres-poetas ativistas trouxeram hostilizações, internas e externas, pois a existência dessas mulheres interrogava os arquivos, os livros e a historiografia oficial que “an-arquivou” – para usar um termo da teórica dos estudos de mulher e gênero, Constância Lima Duarte (2018) –, as mulheres – autoras. Tornou-se necessário, também, um segundo passo para construir a visão crítica e decolonial do folheto, ao integrar a voz e o tema das vozes das mulheres-autoras no sistema editorial do folheto e na cantoria, resgatar as suas vozes (SANTOS, 2020) e construir uma nova cartografia e crítica feminista para o cordel e a cantoria.

O meu primeiro folheto que foi, em setembro de 1997, encarte no jornal *O Povo* – caderno Vida e Arte – talvez seja um dos primeiros de autoria feminina versando sobre a presença de mulheres no cangaço – abriu logo com uma crítica feminista radical da violência contra a mulher.

A MULHER E O CANGAÇO

Autora: FANKA



Figura 01: A mulher e o Cangaço

Fonte: Própria.

Este folheto, com capa-xilogravura da mão de Hamurabi Batista, tematiza a presença feminina no cangaço (ARAUJO, 2019) e denuncia a forma como as cangaceiras também foram vítimas do machismo de homens cangaceiros que interiorizaram as práticas e o imaginário guerreiro, machista dos coronéis colonizadores, patriarcas e escravocratas. Conjuntamente com Salete Maria da Silva abrimos o debate sobre violência contra a mulher no mundo do cordel:

(...)

A mulher só ingressou
A partir de Lampião
Muita coisa se mudou
Com a sua opinião
Pois Maria interferia

Da maneira que podia
Em cada situação.

Bahiano amava Lídia
Que amava bem-te-vi
No entanto nesse dia
Uma lei se fez agir:
Sua lei foi de paulada
Para ter honra lavada
Como chamam por aqui.

Eu falo da violência
Que vitima a mulher
Que a justiça silencia
E todos fazem o que quer:
Estupra, pisa e bate
E no meio do debate
Tudo fica como é.

E os versos finalizam dizendo:

Pela vida cangaceira
Ninguém faz a opção
É pedaço de trincheira
Que padece o coração.
Nessa sina traiçoeira
Não se ver outra maneira
É só guerra e confusão.

No resgate da memória
Tudo pode acontecer
Aparece na história
A mulher para tecer
Outro lado da versão
De Pereira a Lampião
Ela procurou vencer!

O encontro do meu pai com Lampião: uma introdução

*Ao falar de Lampião
Me recordo do meu pai
Contando com precisão
Um fato que não me sai
Da cabeça a lembrança
Da memória a cobrança
Eu fiz verso e rai kai.*

Queria apresentar agora o meu pai, Andreilino Antonio dos Santos (1906-1990), cidadão nordestino, natural de Santa Cruz, Triunfo-PE, e filho de Antonio Luiz de Sousa e Águida Avelino de Sousa. Na primeira etapa da sua vida foi agricultor, até migrar para Juazeiro do Norte, como romeiro do Padre Cícero. Junto com ele foram três irmãos – Adolfo, Luiz e José – e cinco irmãs: Ocilina, Elvira, Maria, Filomena e Luiza. Como papai sabia ler e escrever, tornou-se funcionário

público municipal. Na cidade, exerceu a função de Fiscal e cobrador de impostos do Mercado Central, como registram uma Portaria de 1948 e outra de 1959, que o encarrega de mais uma tarefa no mercado central da cidade: a de cobrador de impostos da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte.

Casou-se, em 1953, com a cratense Maria Pereira de Brito, também filha de uma mãe romeira, chamada Severina Maria da Conceição Mendonça originária da Paraíba. O casal teve duas filhas: Francisca Pereira dos Santos e Adriana Pereira dos Santos. Antecedendo a esse matrimônio um relacionamento que gerou mais duas filhas: Eunice Alves dos Santos e Eurides dos Santos.

Uma terceira fase de sua vida começou no ano de 1970, quando seu partido político perdeu as eleições para o grupo do coronel Aduino Bezerra. O meu pai retornou a Pernambuco, onde foi viver na cidade de Araripina e trabalhar nas feiras como comerciante, ao lado da esposa, minha mãe, também feirante. Só retornará ao Ceará em 1983, quando seu grupo político ganha as eleições. De maneira genérica, foi esse o percurso de um homem nordestino, que também, como um pai zeloso, foi um grande contador de histórias.

Entre suas histórias mais contadas e recontadas, bem narradas e apresentadas de maneira pausada e com momentos de profundo silêncio e tensão, estão aquelas que contam seu encontro com Lampião. Escutei-as pela primeira vez por volta dos meus seis a sete anos de idade, aproximadamente, assim como escutei outras, sempre relacionadas à saga dos cangaceiros. Esses homens eram valentões que se opunham a cruéis coronéis e a volantes que matavam famílias de “bandidos” vingativos. Os protagonistas dessas histórias não eram criminosos, nem jagunços, nem pistoleiros ou capangas; eram simplesmente cangaceiros: homens “independentes dos coronéis e não residindo em suas fazendas ou recebendo salários por seus serviços.”, como confirma Meneses (2012, p. 19). Na visão do pai, os cangaceiros eram, antes de tudo, camponeses e vaqueiros que lidavam com a pecuária, e, no entanto, por força do contexto político, das secas, das brigas entre famílias, da falta de política pública para o Nordeste etc., tiveram que se tornar cangaceiros.

Este encontro do meu pai com Lampião e com a volante, ocorreu na primeira metade do século XX, em um contexto que, além de impregnado de uma grande violência física, psíquica e simbólica contra o povo nordestino, estava confrontado ao problema dramático da escassez de água potável, problema que perdura em partes no Nordeste até hoje por falta de políticas públicas. Para ter acesso a esse bem natural, famílias pobres que não possuíam um poço, tinham – e ainda têm – que se deslocar para longas jornadas em busca de açudes ou cacimbas. Foi esse o trabalho do jovem Andrelino que contava que, como adolescente, fazia esse trabalho,

revezando com seus outros irmãos. Um dia, o dia que se tornou um dos mais especiais da sua vida, ele saiu em companhia do burrinho que ia trazer a água para a casa familiar:



Figura 02: O encontro de meu pai com Lampião
Fonte: Própria.

Primeira parte da história de Andrelino

Naquele dia o jovem se deparou, no mesmo dia, com os dois bandos mais disputados e comentados das redondezas: o bando de Lampião e o da volante:

Ele era muito moço
Ao cruzar o Capitão
Quando ia para o poço
Chamado de cacimbão.
Triunfo era a cidade
Que rimava a saudades
Desse grande cidadão.

Muito tempo já passou
Desse fato ocorrido
Muita água já rolou
O tempo passa corrido
Quando nessa região
Encontrou um pilotão
Bem fardado e polido.

A princípio ele pensou
Se tratar do Capitão
Porém quando aproximou
Viu não era, Lampião
Que não era Virgulino
E o pequeno Andrelino
Não temeu a situação.

Virgulino era temido
Por que tinha ousadia
Por ele ter cometido

O crime com maestria
Foi assombro regional
Hoje é mito mundial
Pela sua valentia.

Quando se aproximou
Do menino a macacada
Um soldado exclamou:
“cuidado é emboscada”
O meu pai se avexou
E o burrinho ele puxou
Para o canto da estrada.

O termo *macacada* serve na linguagem da região para se referir a uma situação em que alguém imita uma pessoa para gerar risos. No Nordeste da época do cangaço, tornou-se o apelido para designar os soldados armados das volantes, chamados de macacos. Segundo o meu pai, o contador da história, esse uso revelava, na linguagem do sertanejo, o seu desprezo e deboche dessa polícia, também chamada de “volante”. O termo *avexou-se* constitui um exemplo de uma característica bem típica do linguajar nordestino, a de acrescentar aos verbos a partícula/preposição “a”, com o objetivo de reforçar o movimento denotado pelo verbo, avexar-se. Neste caso, sublinhar o choque que sofreu o jovem aguadeiro quando um desses soldados começou a gritar para ele em termos cada vez mais depreciativos, agressivos e violentos:

“moleque de onde vem?
E onde pensa que vai”?
E nessa prosa convém
Eu dizer que o meu pai
Não pôde se defender
Tão pouco se proteger
Do grito quase ele cai.

“esbarre!” lhe ordenou
A voz do endiabrado
E pelo tom revelou
Um ódio injuriado
Dizia: “olhe frangote
Debaixo do meu chicote
Só passa se depenando”.
(...)
O resto da macacada
Olhava para o menino
Sorria em gargalhada
Do medo do pequenino
Se ali fosse Lampião
Pensou em meditação
Seria igual o cretino?

Toda uma série de expressões, com suas significações e conotações bem nordestinas, tais como *moleque*, que naquela altura significava “vadio ou pé-leve”, revelam não só o

profundo desprezo do soldado e a sua violência (chicote, depenar), como também o sadismo dos outros soldados da volante, que aprovam com uma gargalhada a gritaria do colega. O impacto desse “encontro” foi traumatizante para meu pai. Todas as vezes que ele o evocava, aparecia em seu semblante um misto de raiva e ódio daquele volante que, na história narrada por ele, era um homem negro, grande e forte, de forma que todas às vezes que ele recontava a história, reproduzia também os adjetivos racistas tão próprios da sociedade preconceituosa e escravocrata brasileira.

A estrofe que vem depois da que conta a gargalhada, mostra o estado de furor sanguinário que tomou posse do bando: *rezar* é o que se recomenda aos criminosos condenados à morte. Só Deus mesmo que pode ainda intervir:

“se você sabe rezar
É melhor rezar agora
Pois você já deu azar
Encontrado nessa hora
Nossa tropa reunida
Fazendo sua batida
Pra tirar os nove fora”.

E interveio mesmo, ao trazer ao palco o chefe do bando que, com toda a sua força de convicção, bom senso e benevolência arrogante, pôs fim ao encontro, mostrando também que nem todos os policiais eram só brutos cruéis:

(...)
Ao tirar o cinturão
Pulando do animal
Um outro do pilotão
Disse: “não faça mal”!
Interveio em sua ajuda
Dizendo pra aquele juda:
“não seja tão infernal”.

“o menino é inocente
E está a trabalhar
Não seja um imprudente
Querendo atrapalhar,
O serviço que ele faz
É a água que ele traz
Pra beber e cozinhar

Eu não posso permitir
Essa luta desigual
Se você quer insistir
Faça com outro igual
Procuramos Lampião
E não é com tal pião
Que brigo individual”.

Papai encerrava a sua história com a figura do “soldado ruim”, obcecado pela vontade cega de vingança e matança. Acatou, ainda resistindo, às ordens do chefe e ameaçando mais uma vez o jovem Andrelino, ao lhe anunciar que “um dia” ia pegá-lo; ameaça séria porque foi confirmada por ele com o juramento “numa cruz”.

Aquele moço falou
Usando sua ciência
E nela só revelou
A arte da sapiência.
Falando para a volante
Um bando de ignorante
Usar sua consciência.
(...)
No entanto prometeu
“um dia vou te pegar”
E o dedo ele meteu
Na terra para marcar
Jurando ali numa cruz
Pertinho de Santa Cruz
Meu pai lembra o lugar.

Ao fechar “o livro da sua memória”, papai confirmava, em seguida, a “verdade” da primeira parte da sua história, dizendo que havia muitos relatos de jovens das redondezas que já foram açoitados pela volante com cinturões e cordas. Utilizando a mesma estratégia narrativa, concluí o meu folheto – mas só depois de ter evocado a segunda parte da história de papai – da seguinte maneira:

Parece que não mudou
A nossa realidade
A polícia espancou
Matou com atrocidade
Carandiru, Candelária
Pontal e Corunbiara
Ficou na impunidade!

Os versos acima comparam a violência na caatinga com as atrocidades que também ocorrem na zona urbana e em comunidades indígenas. Expressa situações pelas quais a polícia atuou como no tempo do cangaço, e de maneira igual ao que fez no sertão: matou e espancou como Carandiru, Candelária, Pontal e Corunbiara.

Segunda parte da história de Andrelino

*O burrinho ele aprumou
Na estrada novamente
E o caminho ele rumou
Como ia antigamente.
No entanto lá chegando
Lá estava outro bando,
Virgulino e sua gente.*

Para quem escutava com ouvidos de criança, a segunda parte da jornada era a mais bela e intrigante. Como para o Andrelino, ela começava para a criança com um momento de espanto e angústia. Pois, se os cangaceiros eram tão perigosos como diziam, o que seria, agora daquele menino ao encontrar ali, no poço, o bando de Lampião?

Era muita coincidência
Num só dia encontrar
Grupos da procedência
Como este e o militar.
Se a volante quase o mata
Com certeza ali na mata
Ninguém ia lhe salvar.
(...)
Sem dúvida era Lampião
Agora tava lascado
O bando do Capitão
Ali todo organizado
Bebiam água do poço
Sem pressa nem alvoroço
Naquele mato cerrado.

Vemos que desde o começo da sua história o pai-contador ia construir sabidamente dois “mundos” antagonistas: o da beira da estrada, sempre perigosa, e onde as pessoas andam com pressa, e o do poço, lugar tradicional de descanso e de encontros. Dois ambientes diferentes: o de machos, de gritaria, ameaças e medo; e o de homens e mulheres (!), de paz, descanso e silêncio. Com protagonistas radicalmente diferentes também, como ilustra a maneira como o recebeu o cangaceiro Azulão – o primeiro cangaceiro que Andrelino viu na vida dele!

Surpreso ele ficou
Foi quando Azulão veio
E logo se apresentou
Ajudando no apeio
Tirando dali fuzil
Espingardas e cantil
E o caneco do meio

O medo se escafedeu
Devido a recepção
E do animal desceu
Pisando firme no chão
Virgulino ali do lado
Olhava desconfiado
Sem fazer objeção

No decorrer desse dia memorável dos dois encontros, o adolescente Andrelino passou de uma experiência traumatizante a uma quase epifania que abalou a sua visão do mundo e do cangaço. Inverteu-se a dicotomia que a embasava: havia cangaceiro bom e volante ruim!

Veja que ironia
Tem essa revelação

Mostrando a agonia
Do povo da região
A volante te peitava
E também não respeitava
É o que dizem no sertão.

E daí, a lição que ele tirou das duas descobertas chocantes do dia: esse “incred” – expressão típica nordestina que significa “coisa ruim” –, nesse caso aplicado ao movimento do cangaço, precisava ser aplicado à volante também.

Se o cangaço insistiu
E se foi esse incred
Se matou e resistiu
A volante e a coronel
Também juntos incitaram
E também assassinaram
Cada um com seu papel

Essa nova consciência e a imagem que tinha o meu pai de Lampião como “herói-assassino” de uma luta justa e desigual, nasceu naquele dia, graças a um outro cangaceiro famoso, Azulão, que veio para o saudar e ajudar para poder tirar a água do poço. Lampião ficou lá, um pouco afastado daquela cacimba-poço, no seu posto como chefe do bando, ficou à espreita, vigilante e “desconfiado” daquele silêncio e paz que a chegada de um bando de “macacos” podia interromper a qualquer momento.

É assim que o evoca a cangaceira Sila (Ilda Ribeiro), companheira do cangaceiro Zé Sereno do bando de Lampião, em entrevista para o programa Jô Soares onze e meia da SBT: “um homem normal, tranquilo, muito valente sem exibir a valentia dele, que não mandava em ninguém”. À pergunta do entrevistador se ele era um homem malvado, ela responde: “Não! Lampião era malvado para quem era contra ele. Isso eu não acho que seja malvadeza (...) Lampião pediu pros ricos.... pra dar pros pobres”. E era assim que o meu pai respeitava o cangaço como algo que tinha um significado positivo para ele.



Figura 03: Encontro com Sila
Legenda: Com a cangaceira Sila no congresso de centenário de Lampião, em 1997. Memorial Padre Cícero. Juazeiro do Norte.
Fonte: Foto de Antonio Vargas.

Falava de Azulão, que o recebeu quando chegou perto do poço, como amigo dele. Uma amizade que se vivia em um contexto que ele nunca revelou para mim. Mas, em casa havia guardado em um cofre, um punhal de cor prata. Algumas vezes, o pai o mostrou como se fosse uma relíquia. Após o falecimento dele, a minha mãe me contou que foi um presente que ele recebeu de Azulão e que, nas muitas mudanças de casa, entre Pernambuco e Ceará, o punhal desapareceu. Este cangaceiro Azulão era um homem negro. Ele foi covardemente matado, pelas costas, em 1934, juntamente com quatro outros cangaceiros, incluindo uma mulher, por nome de Maria Dória (CANGAÇO..., 2012). Sua cabeça foi degolada e exposta, depois da sua morte, aos mais variados tratamentos, exposições e pesquisas ditas “científicas” desnecessárias com objetivos que podem-se qualificar como cruéis e meio suspeitas (NOGUEIRA, 2022).

Considerações finais

*Eu comungo da visão
Que o tempo vai mudar
Que a roda da impulsão
Vai fazer tudo girar
E quem era Lampião,
Virgulino, o Capitão?
A história vai falar.*

Esta setilha, a última do folheto *O encontro do meu pai com Lampião*, traz o conceito de *impulsão* que, juntamente com o de *próspero* do título – utilizados os dois no seu sentido original – formula o objetivo deste artigo, a saber: dar um impulso, incitar a um questionamento decolonial e debater sobre o caráter *épico* da representação do movimento do cangaço no Ciclo do Cangaço da literatura de cordel. Embasada no pensamento decolonial, na sua *epistemologia do Sul* e na sua crítica das *epistemologias do Norte*, consideradas como coloniais, colonizadoras e eurocêntricas, esse pensamento inovador oferece aos povos colonizados (latino-americanos, africanos... e outros) os instrumentos para repensar a sua realidade e cultura atual, o seu imaginário e a sua história, permitindo-lhes “fazer falar a sua própria história” de dentro da sua própria cultura, em vez de a escutar versada nos moldes de uma cultura dominante e alheia.

A aspiração subjacente foi ilustrar, a partir de um exemplo concreto, as mudanças importantes nas práticas, métodos e teorias da pesquisa acadêmica convencional decorrentes do questionamento do seu paradigma científico, fundado na exigência de objetividade, distanciamento e racionalidade do pesquisador – sujeito da pesquisa – perante os seus objetos de pesquisa e seus portadores, os seres humanos-informantes. Esse olhar “de fora”, de cima e superior, foi substituído, na nova epistemologia, pelo olhar, a palavra e a experiência “de

dentro”, transformando o informante em parceiro de um diálogo de dois Sujeitos- aprendizes que constroem juntos um conhecimento novo, orgânico. (SEGATO, 2012; 2015).

O exemplo “de dentro” do folheto como história de uma “parceria” pai-filha-pesquisadora dele, mostrou a importância de outro princípio e base fundamental da pesquisa decolonial, o da presença indispensável de um conhecimento, ele também orgânico, da cultura local e regional, da sua experiência e vida, da sua língua. Foi esse conhecimento que me permitiu situar e interpretar o testemunho ocular do jovem Andreino, transformado muitos anos depois em narrativa oral pelo pai-contador e em seguida, a minha narrativa da história atualizada e escrita do testemunho dele. Trata-se do começo do processo da construção de mitos nas tradições da oralidade, evoluindo oralmente e organicamente no seio daquela classe social que no triângulo heroico se encontra representada pelo vaqueiro; mito oral, silenciado pela palavra hegemônica e tonitruante do fazendeiro coronel.

Ao mesmo tempo, foi a própria vivência da realidade histórica – transformada mais tarde em narrativa oral – que, naquele dia muito especial dos dois encontros, ia provocar na vida do meu pai o choque da descoberta de outra verdade. Uma verdade que deu, na vida dele, o impulso a um processo de conscientização política e crítica que ele transmitiria à filha sob forma da história oral de quem a “viu, ouviu e viveu” de dentro. Essa verdade era a da existência de estruturas políticas e ideológicas, instaladas na comunidade nordestina pelos coronéis-fazendeiros “da redondeza”, inimigos que vieram “de longe” com o objetivo de manter um poder colonial obsoleto, usurpador e criminoso. A lição que o pai ensinava foi que a violência intrínseca desse regime, devido à sua estrutura dicotômica e hierárquica, só podia sobreviver gerando cada vez mais violência, crimes e massacres em todas as camadas sociais da comunidade.

E a roda da impulsão começou a fazer tudo girar! A verdade do contador-testemunha trouxe um triângulo heroico-épico diferente, ao desconstruir e matizar a sua base dicotômica do Bem legal dos coronéis e dos volantes, oposto ao Mal criminoso e cruel dos cangaceiros. Nesse espaço épico remodelado existiam dois tipos de violência e assassinios – de um lado os crimes cometidos pelos opressores por maldade e usurpação e, de outro lado, aqueles outros cometidos pelos oprimidos, pobres e despossuídos dos seus meios de subsistência. Os protagonistas-heróis se diversificaram, outros se re-humanizaram: havia também volante bom e cangaceiro ruim!

Aos poucos, a roda infernal desferrava, acelerava. Com a democratização muitas palavras e vozes, silenciadas ou escondidas na oralidade e na vida privada, libertaram-se.

Os tempos mudaram mesmo! Então, quem era, afinal de tantos contos e contas, Lampião, Virgulino, Capitão e Rei do Cangaço? A história da gente começou a falar.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ARAUJO, Raquel Silva. **O protagonismo feminino no cangaço de Lampião (1930-1940)**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, Campina Grande, 2019. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/21355/1/TCC%20-%20RAQUEL%20SILVA%20ARA%20C3%9AJA.pdf>. Acesso em: 14 nov 2022.
- BATISTA, Francisco das Chagas. **Literatura Popular em Verso: Antologia**. Tomo IV. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.
- BURKE, Peter. **A cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANGAÇO NA BAHIA. **Azulão, Zabelê, Canjica e Maria Dórea...** Salvador. Disponível em: <https://cangaconabahia.blogspot.com/2012/04/azulao-e-maria-dorea.html>. Acesso em: 14 nov. 2022
- CAVIGNAC, Julie. **A literatura de cordel no nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral**. Natal: Ed. da UFRN, 2006.
- DUARTE, Constância. Arquivos de mulheres e mulheres anarquizadas: histórias de uma história mal contada. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 30, p. 63–70, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9136>. Acesso em: 5 nov. 2022.
- GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. **Benditos “mauditos”**: tradição e transgressão na Literatura de Cordel. Curitiba: CRV, 2020. DOI: 10.24824/978655578736.8
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HOBBSAWM, Eric. **Bandits**. London: Weidenfeld & Nicolson; New York: World Publishing, 1969.
- HOMENAGEM a Lampião. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 02 set. 1997. Caderno Vida & Arte.
- LAMPIÔNICO, Reinado. **Sila Ex-Cangaceira no Programa do Jô Soares**. Youtube, 12 jul. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OmHMyWDaPpo> . Acesso em: 15 nov. 2022.
- LEMAIRE, Ria. Pensar o suporte, resgatar o patrimônio. In: MENDES, S. (Org.). **Cordel nas Gerais**: oralidade, mídia e produção de sentidos. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.
- LEMAIRE, Ria. Novos rumos e rumos novos no mundo do folheto de cordel. In: MORÃO, A.; SILVA, F.; FERREIRA, F.; LOUSADA, I.; CHAVES, V. (Org.). **Literatura de cordel**: olhares interdisciplinares. Lisboa: CLEPUL, 2022. No prelo.
- MENESES, Antonio. **O Cangaço em fogo morto e em os Desvalidos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- NADDAF, Ana. Nem Todos Estão “Assassinano” o Cordel. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 06 nov. 2001. Caderno Vida & Arte, p.1 e 6.
- NOGUEIRA, Aderbal. **Morte do cangaceiro Azulão - por Lamartine Andrade**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lQpBPJvAtcg>. Acesso em: 14 nov. 2022

- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- REY, Alain. **Dictionnaire historique de la langue française.** Paris: Dictionnaires Le Robert, 2016.
- SANTOS, Francisca. **A mulher e o cangaço.** Juazeiro do Norte: Cordel Vivo, 1997a.
- SANTOS, Francisca. **O encontro do meu pai com lampião.** Juazeiro do Norte: Cordel Vivo, 1997b.
- SANTOS, Francisca. **Novas cartografias no cordel e na cantoria: desterritorialização de gênero nas poéticas das vozes.** 2009. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15193>. Acesso em: 05 nov. 2022.
- SANTOS, Francisca. **O Livro delas: catálogo de mulheres autoras no cordel e na cantoria nordestino.** Fortaleza: IMEPH, 2020.
- SANTOS, Francisca. **Água da mesma onda: a peleja poética epistolar entre a poetisa Bastinha e o poeta Patativa do Assaré.** Fortaleza: Editora Iris, 2011.
- SANTOS, Francisca. Cantadoras e repentistas do século XIX: a construção de um território feminino. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.]**, n. 35, p. 207–249, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9663>. Acesso em: 5 nov. 2022.
- SEGATO, Rita. **Des/decolonizar la universidad.** França: Del Signo, 2015.
- SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos CES [Online]**, 18 | 2012, posto online no dia 01 dezembro 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: 16 nov. 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.1533>
- SOUZA, Jessé. **A Elite do atraso: da escravidão à lava jato.** Rio de Janeiro: Editora Leya, 2017.
- TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memória de lutas: primórdios da literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930).** São Paulo: Editora São Paulo, 1993.